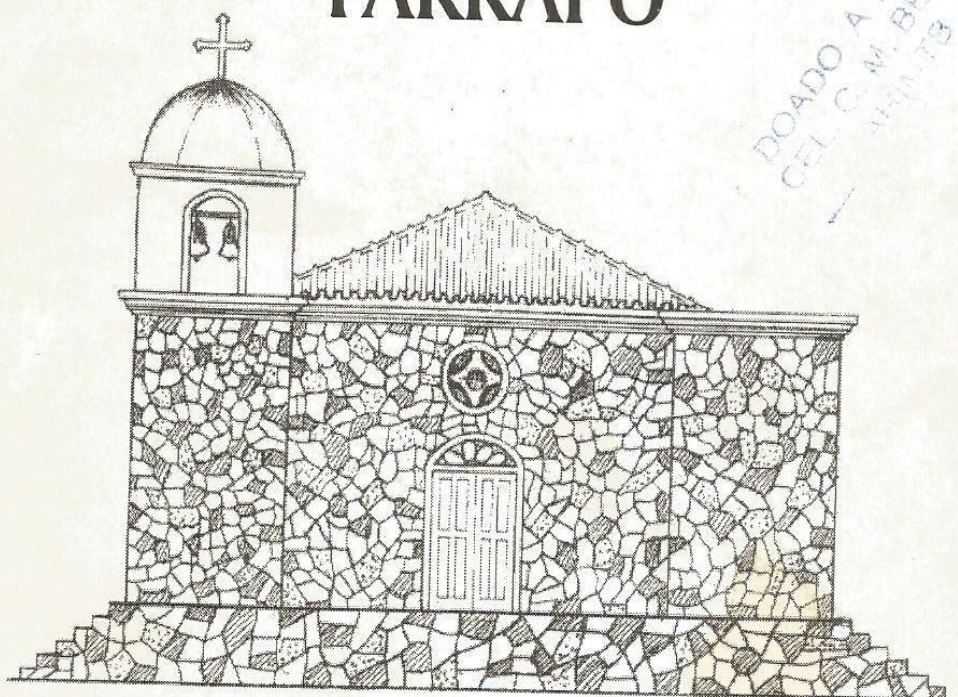


INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RGS
E
ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTÓRIA

PIRATINI UM SAGRADO
SÍMBOLO GAÚCHO
FARRAPO



DOADO A AMAN
CEL. C. M. BENTO
19/11/13

Primitiva igreja de Piratini construída em 1811-12
por José Mattos Guimarães - tetravô paterno do autor
(Fonte:ALMEIDA .Roteiro Histórico e sentimental)

Cel Cláudio Moreira Bento

PIRATINI- UM SAGRADO SÍMBOLO GAÚCHO FARRAPO



Cel Claudio Moreira Bento

Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército

“Se rasgou o negro lençol de nuvens que envolvia a vastidão dos céus. E do lado do Sul brilhou uma estrela - PIRATINI, na qual se lia Amor, Fraternidade, Humildade. (Tito Lívio Zambecari em artigo em 1839)

A Revolução Farroupilha 1835-45, orgulho cívico dos gaúchos, proclamou a República Rio Grandense, popularmente tratada como República de Piratini, a qual se constituiu na única experiência republicana brasileira efetiva antes de 15 nov 1889.

Revolução que teve por epicentro e polo irradiador o então município de Piratini, criado em 1832, ao qual pertenciam mais os atuais municípios de Bagé (até o Pirai), Hulha Negra, Candiota, Pinheiro Machado, Cerrito e Canguçu. O último considerado de 1835 - nov 1842, “O distrito mais perigoso e mais farrapo”. A Piratini por decreto do presidente da República Rio Grandense Bento Gonçalves da Silva ,de 4 ago 1838, foi incorporado parte do atual município de D.Pedrito, ao sul do arroio Jaguari e a leste do arroio Ponche Verde.

Pelo grande simbolismo e projeção histórica farrapa que encerra o nome Piratini, nas histórias do Decênio Heróico e do Rio Grande do Sul, impõe-se como dever de justiça, na voz da História, evocar aos gaúchos, em especial aos tradicionalistas, a projeção de Piratini na História do Rio Grande e a razão do título deste artigo.

ORIGENS DA CIDADE DE PIRATINI A PRIMEIRA CAPITAL FARRAPA

Mapa da Demarcação do Tratado de Santo Ildefonso de 1777 levantado entre 1784 - 88, que reproduzimos em parte em **O Negro e descendentes na Sociedade do RGS** (p.185), registra no rio Piratini o passo do Acampamento. Este, local de acampamento dos demarcadores do tratado citado. Logo acima o passo do Balthazar e em sua margem esquerda até o local próximo a atual cidade de Piratini, as estâncias do Balthazar do Garcia e do Manoel de tal. E todas já infiltradas ao sul do Piratini, em desacordo com o tratado de Santo Ildefonso e, inclusive charqueadas, ao sul da confluência do Piratini com o canal São Gonçalo.

Concluídos os levantamentos, por Carta de 6 julho 1889 do Vice Rei do Brasil, foram concedidas em Piratini atual, 48 datas de terras a casais de açorianos Concessões no local denominado Capão Grande do Piratini, entre os arroios Piratini Mirim a leste e o do moinho de **José Matos de Guimarães** (Este nosso tetravó paterno que ali instalara um moinho de trigo e mais tarde construiu a primeira igreja de Piratini em 1811-12. Era sogro de nosso trisavô Alferes Antônio Joaquim Bento (pai) e do Alferes Vicente Ferrer de Almeida. Este, o primeiro funcionário da Câmara de Canguçu instalada em 1857 e trisavô do ex - prefeito de Canguçu Odilon de Almeida Meskó).

As terras onde foram colocados os casais faziam parte de uma estratégia de ali barrar possíveis caminhos de invasão por espanhóis ao Rio Grande do Sul, ao longo do divisor da serra dos Tapes, a partir de Cerro Largo e atual Melio, através do passo Centurión (então Passo N.S da Conceição) do rio Jaguarão Na iminência de guerra entre Portugal e Espanha, foram fundadas, no início de 1800 as atuais cidades de Caçapava, Encruzilhada e Canguçu, situadas sobre possíveis caminhos de potenciais invasões espanholas ao Rio Grande do Sul, sobre as serras dos Tapes e Herval.

Os casais se estabeleceram em Piratini de 1789 a 1807. O que foi a saga de sua imigração para o Rio Grande do Sul pode ser avaliada pelo romance, com base histórica, de Heloisa Assunção Nascimento: **A Saga dos açorianos**. Pelotas, 1999.

O Tratado de Santo Ildefonso de 1777 imposto a Portugal desgostara sobretudo os rio - grandenses. E de 1777-1800 houve um grande esforço de Portugal para infiltrar seus súditos em território motivo de disputa entre Portugal e Espanha. E ao sul do Piratini disto se encarregou o comandante da Fronteira do Rio Grande e sesmeiro em Cerrito atual, o Marechal Manoel Marques de Souza, atual denominação histórica da 8 Brigada de Infantaria Motorizada de Pelotas, cuja proposta vitoriosa foi por nós instruída, Infiltração efetiva iniciada ao sul de Piratini já antes de 1784 e que foi percebida e denunciada pelo espanhol Feliz Azara, fundador da primitiva São Gabriel, alertando que se nada fosse feito na forma de ali criar-se núcleos espanhóis, em 4 anos a Espanha perderia o território, no caso em tela, entre os rios Piratini e Jaguarão. E esta perda aconteceu logo. E Piratini como Vila dos Casais formou na Vanguarda desta infiltração portuguesa, ao ponto de 11 anos antes da Guerra de 1801 ali haver estabelecido casais de açorianos para um duplo papel de soldado e agricultor. E para esta infiltração muitos açorianos se deslocaram de Estreito, Mostardas Povo Novo para o corte do Piratini, em Canguçu e Cerrito atual ,de onde muitos partiram para a

conquista da estância própria nos territórios conquistados em 1801, entre os Piratini e Jaguarão e nos Sete Povos das Missões. Coincidente com a instalação de casais em Piratini, em Canguçu atual, a Real Feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu (1783-89) com sede em Canguçu Velho atual, era transferida, por questões de segurança, de provável Zona de Guerra, para São Leopoldo.

Assim em 1º jan 1880 era fundada Canguçu atual como capela curada, atendendo a petição de 140 moradores do local E, numa encruzilhada e nó orográfico, no dorso da Serra dos Tapes, capaz de barrar caminhos provenientes de Meilo no Uruguai, ou de Rio Pardo demandando Rio Grande e vice e versa. A sede da Real Feitoria passou a ser conhecido desde então como Canguçu Velho.

Em 1801 aconteceu a vitoriosa guerra de 1801 que dilatou a fronteira de Portugal com a Espanha, do rio Piratini ao Jaguarão e do Taim ao Chuí Guerra que reestudamos e a reinterpretemos em **História da 3 Região Militar** (Porto Alegre: SENAI,1994) . Em 1811 teve lugar a fundação de Bagé pelo Capitão General do Capitania D. Diogo de Souza, tornando - se o Rio Grande um acampamento militar. Em 1816 e 1820 agitou-se a fronteira com as guerras contra Artigas, tendo chegado de Portugal a Divisão de Voluntários Reais. A insegurança na fronteira do Vai e Vem elegeru Piratini situada sob a proteção da serra dos Tapes, como local seguro para se viver. E para Piratini migraram famílias que construíram boas casas antes mesmo da guerra de 1801 e até 1832, inclusive palacetes e sobrados que iriam abrigar a República Rio Grandense e até hoje de pé. A Guerra Cisplatina 1825-28 de que resultou a independência do Uruguai do Brasil do qual fora Província Cisplatina por 5 anos, provocou mais migrações para Piratini. E no final desta guerra ali o Exército Brasileiro esteve acampado no inverno de 1828, até ser desmobilizado em 18 dez 1828. E em Piratini radicaram-se e casaram muitos militares desmobilizados como os citados alferes Antônio Joaquim Bento (pai) nosso trisavô e Vicente Ferrer de Almeida, com duas irmãs Matos de Guimarães (nossas trisavó e tia trisavó). O Alferes Antônio Joaquim seria o primeiro professor do Alegrete nomeado pelos farrapos e seu filho Antônio Joaquim Bento seria o primeiro professor régio de Canguçu em 1857. Este teve um irmão chamado Carlos Frederico Lecor Bento, o avô do ex prefeito de Cerrito Genes Leão Bento, segundo o professor Adail Bento Costa. E nome homenagem de seu pai amigo do General Carlos Frederico Lecor e Visconde de Laguna. com quem viera de Portugal integrando a Divisão de Voluntários Reais. Assim, Piratini que passou a ser conhecida como a Vila dos Casais, tornou-se localidade segura e atrativa, crescendo a cada dia a sua população, prosperando e, em especial com a produção de trigo em suas terras férteis e, com o dorso da serra dos Tapes assegurando comunicações a cavalo e de carretas “sem molhar-se as patas dos cavalos das mulas e das boiadas”.

A INSTALAÇÃO DA VILA DE PIRATINI

A Vila de Piratini foi instalada em 7 jun 1832 decorridos 33 anos do início de seu povoamento.

Dos 40 signatários da ata de fundação registramos os nome de Bento Gonçalves da Silva (futuro líder farrapo), Ubaldo Pinto Bandeira, (que consta seria irmão do

Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira e que deixou imortalizado seu nome no cerro do Ubaldo), o mais tarde Comendador Manoel José Gomes de Freitas (nosso tio trisavô e grande historiador e nascido e batizado em Canguçu), Serafim José da Silveira (nosso trisavô materno), José de Matos Guimarães (nosso tetravô paterno), Bernardo Pires da Rosa (O simbolista farrapo e bisavô do historiador Major Angelo Pires Moreira e pai da idéia de criação do município de Canguçu em 1857. Na eleição para a Câmara de Piratini foram os 8 mais votados: Vicente Lucas de Oliveira (último Ministro da Guerra farrapo - 361 votos; Manoel Rodrigues Barbosa -334; Manoel Gomes de Guimarães Filho - 294 Serafim José da Silveira - 274 (nosso trisavô e tetravô de Barbosa Lessa, e que não assumiu por haver sido eleito e aceito ser juiz ordinário) Manoel José da Silva Santos Veleda -215; José Pereira da Silva Cacório -203 e Ramão Garcia Vasconcelos -194.

A CÂMARA DE PIRATINI - A CONSTITUINTE DA REPÚBLICA RIO GRANDENSE

Tendo estourado a Revolução Farroupilha em Porto Alegre em 20 set 1835 ela saiu a campo. Em 10 set 1836. O Coronel Antônio Neto venceu o combate do Seival com sua Divisão Liberal integrada por habitantes do vasto município de Piratini e a frente dela, no outro dia, no Campo do Meneses, proclamou a República Rio Grandense. O importante foi que a Divisão Liberal de Neto resultou da transformação da Legião de Guardas Nacionais do Termo de Piratini criada em 14 out 1835 pelo Presidente da Província, tendo como Chefe o Cel Antônio (Fonseca) de Souza Netto. Este, tio do mais tarde General Zeca Mattos Netto revolucionário de 23, filho de Rafaela Mattos nossa tia bisavó materna, por irmã do Ten Cel Theophilo de Souza Maifos que comandou os canguçuenses na Guerra do Paraguai e ambos filhos de Ana Rodrigues de Sena ligada a estirpe dos Lemes. segundo a genealogista Ilka Guittes Neves, do Colégio Genealógico Brasileiro em pesquisa **Dos Lemes aos Moreira Bento de Canguçu**). Legião organizada pela Câmara de Piratini com o nome de Corpo com 2 esquadrões, totalizando 4 companhias com as seguintes paradas: Piratini, Bagé, Canguçu e Cerrito (Vila Freire e atual Cerrito). As companhias de Piratini e Bagé formaram o 1º Esquadrão. As de Canguçu e Cerrito formavam o 2º Esquadrão. Ao 1º Esquadrão se incorporaram guardas nacionais dos atuais municípios de Pinheiro Machado, Hulha Negra e Candiota.

Foram estes guardas nacionais que colheram as glórias de Seival. Combate que descrevemos e analisamos militarmente pela primeira vez em **O Exército farrapo e os seu chefes**. Rio de Janeiro: Bibliex 1992 v. .2,. Combate que criou condições para a proclamação da República Rio Grandense no dia seguinte e assim decretada pela Câmara de Piratini, depois de assumir o papel de Constituinte da República Rio Grandense para formalizá-la juridicamente:

Decorridos 56 dias da vitória de Seival em 5 nov 1836, a Câmara de Piratini reuniu-se e deliberou:

Assumir o papel de Constituinte (provisória) da novel República Rio Grandense, (daí a chamarem imprópiamente República de Piratini).

Proclamar independente do Império do Brasil a Província do Rio Grande do Sul.

Declarar a Província do Rio Grande do Sul estado livre, constitucional e independentecom a denominação de Estado Rio Grandense.

Poder ligar-se o estado Rio Grandense por laços de federação a outras províncias que adotarem a República.

Assinaram estas importantes decisões históricas os vereadores Vicente Lucas de Oliveira, Manoel José da Silva Santos Veleda Serafim José da Silveira, (nosso trisavô) Antônio Correia da Silva, João Antônio de Moraes e José Pereira Cacório. No outro dia a mesma Câmara ausente Silva Verde por doente presidiu as seguintes eleições:

- Do Cel Bento Gonçalves da Silva (preso no forte do Mar em Salvador) para Presidente da República, tendo como substituto eventual no seu impedimento, o seu amigo José Gomes Jardim, um tutor de fato e de direito da República.

- Dos vice presidentes Paulino da Fontoura ,Major José Mariano de Matos e Ignácio José de Oliveira Guimarães.

Segundo a tradição, o vereador Serafim José da Silveira ,para evitar que o vice presidente Paulino da Fontoura assumisse o governom por ser conhecido boêmio, e conquistador ,criou a figura aprovada, de Gomes Jardim assumir a Presidência.

Esta mesma Câmara deu posse a Bento Gonçalves na Presidência da República em 16 dez 1837, Entre os vereadores mais uma vez José Serafim da Silveira (nosso trisavô que construíra casa em 1830 defronte a praça das Alegrias prédio hoje pertencente ao sr Ari Freitas da Cruz .) Piratini foi capital e sede do governo farrapo de 10 nov 1826 a 7 jan 1837; de 26 mai 1837 a 14 fev 1839 3; de 4 mai 1843 até o final da revolução Ou seja teria abrigado o governo por cerca de mais de 3 anos.

O período áureo da República Rio Grandense teve Piratini como capital. Foram aprovadas a bandeira ,brazão e hino rio grandense e ali editado o jornal **O Povo** etc. Mas embora no campo militar a Revolução Farroupilha tenha terminado em 28 fev e 1 o mar 1845 em D.Pedrito atual, ela continuou e continua no campo político. Farrapos que combateram em defesa do Brasil e não do Império, nas guerras externas contra Oribe e Rosas 1851-52 e contra Solano Lopes do Paraguai 1865-70, levavam à guisa de bandeira o lenço farrapo idealizado por Bernardo Pires em Piratini, lembrando o ideal republicano. E a revolução republicana farrapa no campo político influenciou de modo marcante meios universitários de Direito em São Paulo, através da pregação de Assis Brasil que produziu a primeira versão farrapa da história da Revolução. Movimento este republicano que influenciou o ânimo do Marechal Deodoro da Fonseca como Presidente da Província do Rio Grande do Sul, através de contatos que manteve com os republicanos Júlio de Castilhos e mais uma vez Assis Brasil na rumorosa Questão Militar que liderou. Mas não parou a influência política republicana do Decênio Heróico. Quatro oficiais nascidos no Rio Grande do Sul tiveram grande influência na conspiração e sucesso da Proclamação da República no Rio de Janeiro: o Ten Cel João Nepomuceno Medeiros Mallet, (filho de Bagé) o Major Solon Ribeiro e o Capitão Mena Barreto (filhos de Porto Alegre) e o Coronel José Simeão de Oliveira (filho do Rio Grande). E a Revolução política farrapa continuou Os ideais políticos da Revolução Farroupilha irradiados de Piratini foram consagrados pela Constituinte

Gaúcha de 1891 que adotou como símbolos do Rio Grande do Sul a bandeira brasão, hino ideais e valores republicanos farrapos decididos em Piratini. E dentre eles o de **Firmeza e Doçura** inscritos no brasão sob a forma de dois amores perfeitos. E foi mais longe! Deu o nome a sede do Governo do Estado de Palácio Piratini em homenagem a Piratini, a primeira capital farrapa onde a revolução republicana farrapa viveu os seus mais gloriosos dias.

E foi em Piratini que nasceu Luiz Carlos Barbosa Lessa, filho de canguçuenses e tetraneto do vereador farrapo **Serafim José da** Silveira para, inspirado em Piratini, levantar a bandeira do tradicionalismo gaúcho no CTG 35 e ser consagrado por esta razão” um dos gaúchos que marcaram o século XX.”

REFLEXÃO

Por tudo o que aqui foi escrito sobre Piratini e os atuais municípios que o integravam quando capital farrapa, pela proclamação da República Rio Grandense no campo militar em Seival, em 10 set 1836 e, no campo político em Piratini em 5 nov 1836, era justo esperar-se que estas comunidades tivessem merecido um tratamento mais justo de parte do Rio Grande do Sul e do Brasil e das Tradições e História gaúchas. Mas não foi o que aconteceu!

Celebrada a Paz, Piratini, “**a cidade sagrada dos farrapos**” e hoje glória gaúcha caiu no esquecimento. Foi consciente ou inconscientemente discriminada pela Província e Império. Foi engessada. De capital farrapa irradiadora da revolução republicana que até hoje influencia a República do Brasil, foi rebaixada a vila. E de lá para cá em nada se aproveitou administrativa e politicamente de seu pioneirismo republicano e repetimos, e mesmo depois de proclamada a República. Mas os ideais republicanos farrapos vitoriosos pelos quais filhos do então município de Piratini lutaram e morreram em 1835-45 continuaram sendo louvados em especial no CTGs. Mas nada para Piratini e por extensão Canguçu cujas autoridades mesmo as republicanas as esqueceram, deixando-as estagnarem - se como o desejou o Império. Filhos de Piratini e dos atuais municípios que o constituíam foram convocados em 1893 pelos governos do Estado e do Brasil para os defenderem. E eles pagaram alto preço com suas vidas imoladas inermes por degola, por mercenários platinos no solo pátrio, depois de rendidos sob garantia de vida no covarde massacre federalista de 28 nov 1893 no Rio Negro (atual Hulha Negra). Confirmar é obra de simples raciocínio e verificação das histórias dos municípios que forneceram os soldados para a vitória do Seival e que sustentaram a ação da República Rio Grandense em Campo do Menezes, marco de uma revolução republicana brasileira civil ainda em curso no Brasil. E assim de tantas glórias e tradições republicanas e de cidadania com que enriqueceram o Rio Grande do Sul ,pouco ou nada lhes valeu no campo político, administrativo e econômico. E lá continuam Piratini, Canguçu, Cerrito, Pinheiro Machado Hulha Negra e Candiota (Menos Bagé até o Pirai que teve melhor sorte) esquecidos pelas lideranças republicanas estaduais e federais que os glorificam e exaltam moralmente, mas os esquecem administrativa, política e economicamente no sentido de premiá-los pelo heroísmo de seus antepassados celebrado anualmente na Semana Farroupilha, no Rio Grande do Sul e além. Ainda é tempo de exercício de gratidão cívica aos povos dos

municípios atuais que constituam Piratini que ao que parece segundo um observador arguto se transformaram em tradição no Império e vício na República, com que se acostumaram e se conformaram as lideranças de Piratini e dos municípios que a integravam na Revolução Farroupilha. História é verdade e justiça A verdade a relatamos Falta a justiça a Piratini.

Neste ensaio em que desenterramos as raízes da República Rio Grandense em Piratini ali encontramos parte de nossas raízes genealógicas maternas e paternas nas figuras de **José Serafim da Silveira (nosso trisavô)** e **José Mattos de Guimarães** (nosso tetravô) que a seguir desenvolveremos:

JOSÉ SERAFIM DA SILVEIRA (nosso trisavô). Nasceu e foi batizado em Estreito. Casou em Piratini em 29 jan 1820, com Feliciano Maria Rodrigues (nossa trisavó). Filho de Boaventura José da Silveira e Maria Ignácia de Jesus tendo por sogros Manoel Rodrigues Luiz e Ana Maria Pires (nossos tetravós). Perdeu a mãe em 1820 no dia de seu casamento. E construiu sua casa já referida em 1830. Sua filha Delfina Silveira (nossa bisavó materna) casou em Piratini durante a Revolução Farroupilha em 8 jan 1842, com José Ignácio Moreira Filho (nosso trisavô) que fora chefe de Gabinete do Ministro do interior e interino de Estrangeiros Cel José Pinheiro d'Úlhoa Cintra (também ghost rither de Bento Gonçalves e natural de São João dei Rei -MG) e mais tarde em 1857, ao ser criado Canguçu foi nomeado seu primeiro serventuário de Justiça, dando origem a tradicional família Moreira local descendente de seus filhos Franklim Máximo, Carlos Norberto Amenaide etc. Jose Ignácio era filho de homônimo natural de tradicional família do Sul de Minas (Santa Rita do Sapucaí Delfim Moreira etc) ligada a bandeirantes paulistas que descobriram e exploraram as minas de ouro de Cuiabá. Inicialmente radicou-se em Paranaguá, como plantador e produtor de **farinha de guerra** (de mandioca) para alimentar O Exército Observador e depois Pacificador da Banda Oriental em 1811-12 Em 1814 esta no Rio Grande do Sul como Escrivão das Fazendas dos Mortos e Ausentes da comarca de Porto Alegre menos a sede. Casou em Piratini com Francisca Eulália Gonçalves (nossa trisavó). O filhos José Ignácio e Pedro foram presos em Pelotas quando visitavam a mãe e o padrasto, por acasão de um ataque do Capitão imperial David conforme registrou **O Povo** de 6 mar 1839,p.3. Pedro Moreira foi chefe de Gabinete do Ministério da Guerra e interino da Marinha chefiado pelo fluminense Cel José Mariano de Mattos que em 1863 será também Ministro da Guerra do Império do Brasil. De Pedro não se tem notícia da descendência. **José Serafim da Silveira** nosso trisavô, e tetravô de Barbosa Lessa presidiu a Câmara de Piratini de 1840-45. Seu filho Capitão da Guarda Nacional Manoel Serafim da Silveira (nosso tio bisavô) homem de cultura, foi herói da Guerra do Paraguai onde foi ferido a bala na cabeça no assalto de Punta Carapá vindo a falecerem conseqüência. Fez a campanha contra Aguirre em 1864, participando da invasão por Cerro Largo, rendição de Meilo, do ataque a Paissandú e capitulação de Montevideú. Sob a liderança de Osório combateu em Passo da Pátria, Estero Bellaco e batalha de Tuiuti a maior batalha campal da América do Sul. Quando jovem dançou com sua irmazinha e nossa trisavó Delfina uma **gavota** no Teatro 7 de Abril em 20 set 1839, nas festas comemorativas da revolução segundo **O Povo** de 29 set 1839.

JOSÉ DE MATTOS GUIMARÃES (ou de Guimarães por natural desta cidade portuguesa e nosso tetravô e registrado no casamento como José Teixeira de Mattos). Nasceu e foi batizado na Vila de Cova - Arcebispado de Braga Portugal filho de José Teixeira e Maria Thereza (nossos pentavós) naturais da Vila da Cova. **José de Mattos Guimarães** casou Rio Grande com Tereza Pereira da Silva (nossa tetravó) filha de Joaquim Correia da Silva (nosso pentavô) natural de Curitiba e da açoriana do Faial Rosa Maria de Jesus (nossa pentavó **paterna**) **José de Mattos Guimarães** chegou em Piratini no início do século 19 Construiu um moinho de trigo no arroio que levou seu nome Construiu a Igreja de Piratini em 1811 -12, no local da atual. Em 2 ago 1814 nascia em Piratini sua filha e nossa trisavó **Cecilia de Mattos Guimarães** que casaria em Piratini com o Alferes Antônio Joaquim Bento (nosso trisavô) natural do Conselho de Moncorvo, Bragança - Portugal, de cujo consórcio nasceu em Pelotas em 1835, nosso bisavô paterno professor Antônio Joaquim Bento primeiro professor régio para meninos de Canguçu que foi hospedado por sua tia irmã de Cecília que casara com o Alferes Vicente Ferrer Ferreira, antigo oficial em serviço no Ministério da Guerra farrapo, natural de Lavras e nomeado primeiro funcionário da Câmara de vereadores de Canguçu em 1857, a qual foi instalada pelo Comendador Manoel José Gomes de Freitas, nascido em Canguçu, neto materno de **Serafim José Silveira** e assim nosso tio bisavô e primo irmão de nosso avô Carlos Norberto Bento, pai de nossa mãe Cacilda Mattos Moreira (Bento). Antônio Joaquim Bento era pai do Cel Genes Gentil Bento e avô de nosso pai Conrado Ernani Bento. Houve em Canguçu e Piratini em seus primórdios entrelaçamento das famílias, Dias, Gomes, Borba, Silveira, Moreira, Mattos.

A CONSPIRAÇÃO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Documento maçônico cuja fidedignidade e autenticidade não nos foi possível atestar e que nos chegou pelas mãos do Cel Ari Moreira, dá conta do seguinte fato que teria acontecido em Porto Alegre.

“Em 18 set 1835 na rua da Igreja 67, em Porto Alegre, no Gabinete de Leitura, em reunião da Loja Maçônica Philantropia e Liberdade para decidir o início da Revolução Farroupilha.

Presenças o Venerável Cel Bento Gonçalves da Silva, Major José Mariano de Matos, (ex venerável) José Gomes de Vasconcelos Jardim Pedro Boticário (tesoureiro), Vicente da Fontoura, Paulino da Fontoura Antônio de Souza Netto e Domingos José de Almeida (secretário). Bento Gonçalves informou que a revolução teria início em 20 setembro. Nesta data todos se levantariam em nome do Rio Grande do Sul contra o imperialismo que reina no país. Ficou acertado que a tomada de Porto Alegre seria realizada por tropas de Gomes Jardim e Onofre Pires que deverão permanecer nas imediações da ponte da Azenha aguardando tropa que viria de Pedras Brancas (Guaíba atual) quando avisada . Gomes Jardim e Onofre Pires deram o pronto. Vicente da Fontoura recomendou o máximo sigilo para não ser avisado o presidente da Província. Foi realizada cadeia de união pela grandeza e justiça da causa, pois em nome do povo rio - grandense lutariam pela Liberdade, Igualdade e Humanidade e pediam a força e proteção a Deus para todos os que participariam da contenda Domingos José de Almeida traçou a Ata afirmando que a História a gravasse através dos tempos e registrasse que um grupo de maçons, homens livres e de bons costumes, empenhou-se com o risco da própria vida, em restabelecer o reconhecimento dos direitos desta abençoada terra, berço de grandes homens localizada no sul de nossa querida pátria.”

FONTES DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Muito temos estudado a Revolução Farroupilha e publicado trabalhos a ela relacionados. Dentre eles mais diretamente ligados ao tema registro:

1. BENTO, Cláudio Moreira. **O Exército farrapo e os seus chefes**. Rio de Janeiro :Biblioteca do Exército 1993 2.v.(Resultou da consulta de 182 fontes que relaciona ao final em especial a exploração dos Anais do **Arquivo Histórico do Estado**.
2. - **Canguçu reencontro com a História**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1983. (Prefácio de Luiz Carlos Barbosa Lessa).1ed. E prefacio do jornalista Cairo Moreira Pinheiro a 2ed em 2007.1
3. - **Porto Alegre memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias. Brasília, EGGCF, 1989. (Estuda a figura de Chico Pedro de Abreu)**.
4. – O combate de Seival. **Revista A Defesa Nacional**. Nº 726, jul/ago 1986 p44185.
5. - Domingos José de Almeida - o diamantinense que foi o cérebro e o maior estadista da Revolução Farroupilha. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. V 338, jan/mar 1983, p.185/196.
6. - **Autoria dos símbolos do Rio Grande do Sul**. Recife: Universidade Federal Rural,1971(Biografia Bernardo Pires - o simbolista farrapo).
7. - **O Negro na Sociedade do RGS** Porto Alegre: IEL 1975. (Estuda os lanceiros negros farrapos).
8. - **História da 3ª Região Militar** Porto Alegre: SENAI, 1994. (Aborda a Revolução Farroupilha)..1
9. - Edição comemorativa da Revolução Farroupilha em seu sesquicentenário. **Diário Popular** , Pelotas 20 de setembro 1985 (Focaliza a Zona Sul com 25 ilustrações).
10. - **Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS**.Porto Alegre: 1 EL, 1975(Focaliza italianos na Revolução Farroupilha).
11. Repercussões culturais da Revolução Farroupilha. In: **RS no contexto do Brasil**. Porto Alegre: CIPEL, 2.000.
Sobre a Revolução federalista de 1893 ou Guerra Civil com graves repercussões sobre Piratini e municípios que constituíam na Revolução Farroupilha produzimos entre outros.
1. - BENTO,Claudio Moreira. O massacre federalista de Rio Negro em Bagé de 28 nov 1893.**Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** .v.154,n 378, jan/mar 1993. (Procura fazer justiça ao Cel Maneco Pedroso que na História e visto pela versão federalista inclusive em Piratini).
2. – A 3ª Região Militar na Revolução de 93.In:**História da 3 Região Militar Porto Alegre**: 3ª RM,1995,v.2.p.77-167.
3. - Canguçu na Revolução Federalista .**CIPEL**. Porto Alegre,1993.

Nota: A presente interpretação além das fontes citadas se baseou na segunda

edição da obra de Davi Almeida. Roteiro **histórico e sentimental**. Piratini: Graf.CAGJ, 1997. Obra esta sem o prefácio de Walter Spalding constante da 1ª edição, a inclinação dos Moreiras para atividades literárias, talvez por influência de José Ignácio Moreira (pai) escritor das Fazendas dos Mortos e Ausentes da Comarca Porto Alegre em 1814, produzimos com o primo Cairo Moreira Pinheiro plaqueta - ***A influência dos gens literário nos Moreira de Canguçu*** Exemplos: O autor, Barbosa Lessa, Mário Mattos, Angelo Pires Moreira Firmo Duarte Moreira Clóvis Rocha Moreira, Cairo Pinheiro Moreira, Tarcilo Moreira Mattos, Comandante Carlos Norberto Stumpf .

Piratini e Canguçu historicamente foram sempre muito ligados e foram criados como locais de projeção militar estratégica situados próximo da fronteira de Portugal com a Espanha. A nossa interpretação a seguir evidencia estas ligações

SAIBA COMO NASCEU A CIDADE DE CANGUÇU!

Cel Claudio Moreira Bento, Presidente e Fundador da ACANDHIS

O atual Rio Grande do Sul foi disputado pelas Armas entre Portugal e Espanha de 1763 a 1801. O Tratado de Santo Ildefonso de 1778 foi injusto com os habitantes do Rio Grande do Sul gerou, por 23 anos, um clima de guerra entre Portugal e Espanha pela posse do território entre os rios Piratini e Jaguarão. De 1783 a 1789 funcionou em Canguçu Velho atual, a sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu para produzir este item estratégico para fabricar velas e cabos para os navios de Portugal. Em 1789 o clima era de guerra iminente e, por segurança, a Feitoria foi transferida para São Leopoldo e criada na margem esquerda do rio Piratini, a fronteira de fato entre Espanha e Portugal, a Vila dos Casais a atual Piratini, em invocação a N.S da Conceição, a rainha e padroeira de Portugal e seus domínios, assim consagrada em 1640, em agradecimento a sua proteção para a Independência de Portugal da Espanha, cujas coroas estiveram unidas desde 1580..

Em 1800 era eminente uma 3ª invasão espanhola do Rio Grande do Sul e Portugal tratou de se prevenir, estabelecendo as seguintes povoações: Caçapava e Encruzilhada cobrindo o possível caminho de invasão espanhola sobre Rio Pardo. E Canguçu sobre caminho de invasão onde era esperada a 3ª invasão, a partir do forte espanhol de Cerro Largo e na direção atual Forte -Cerro Largo-Passo Centurion- Herval do Sul –Piratini Canguçu. E, em 1º de janeiro de 1800 foi lançada a pedra fundamental da Capela Curada de Canguçu em invocação a N. S. da Conceição, pelo visitador Frei Bento Cortes de Toledo, paulista, que antes lançou as pedras fundamentais das capelas das atuais cidades de Caçapava do Sul e Encruzilhada do Sul, sobre o caminho da 2ª invasão do Rio Grande do Sul tentada em 1774 pelo governador de Buenos Aires D. Vertiz y Salcedo, que passou por Canguçu em 1775, derrotado, a caminho de Rio Grande em poder de Espanha desde 1763, quanto, foi tomada pela 1ª invasão ao comando do Governador de Buenos Aires General D. Pedro Cebalhos. E lembrando a acidentada passagem de Vertiz passo da Real da Armada, nome referencia por ali ele ter atravessado com a sua Real Armada, nome de Exército em espanhol.

E na lista ao lado os 64 fundadores de Canguçu, dos 140 anos que assinaram em 1799 requerimento para a criação de Canguçu. ressalto o fiscal da Capela Curada N. S. da Conceição, o Tenente Coronel Jerônimo Xavier de Azambuja que participara da conquista do Forte de Santa Tecla em 1756. E na época da fundação de Canguçu ele era o subcomandante da Cavalaria Ligeira ao comando do Coronel Manoel Marques de Souza 1º, hoje denominação histórica da 8ª Brigada de Infantaria de Pelotas, por nossa proposta. fundação de Canguçu foi um empreendimento militar. E entre os 63 que contribuíram para a construção da capela 10 eram militares: Um Tenente Coronel, 2 Capitães, um Tenente, 4 Alferes, 1 Furriel e 1 Porta Estandarte. 63 fundadores de Canguçu contribuíram para a ereção da capela o que publiquei em nosso livro Os 200 anos da Igreja Matriz N. S. da Conceição de Canguçu 1800-2000. Resende: ACANDHIS,1999.p.14/21..E detalhes da fundação de Canguçu, para onde se transferiram moradores da antiga sede da Real Feitoria, conhecida por Canguçu, passou este local a denominação de Canguçu Velho. o que abordo em meu Canguçu reencontro com a Historia Resende:AHIMTB/ACANDHIS 2007.



Alegoria de Antônio Parreiras, da Proclamação da Republica Rio Grandense, em 11 de setembro de 1836 em Campo do Menezes por Antônio Netto. com apoio de sua Brigada Liberal integrada em parte iguais de guardas nacionais do distrito sede de Piratini, do seu distrito de Canguçu e dos de Cerrito e de Bagé ate o Pirai. Brigada Liberal que no dia anterior obteve a grande vitória de Seival por min estudada em O Exército farrapo e os seus chefes. Rio de Janeiro:i do Exército. V.2, p.99/106. História é verdade e justiça!

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO



Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo **As Guerras Holandesas, da História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. E autor de mais de 110 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site . Seu último livro foi sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército , comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS , na construção do Tronco Ferroviário Su, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petrópolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio De Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra Os 78 anos da **Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançará seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano completará 91 anos de idade .Se Deus quiser!.Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170.Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com Celular 24/999247757

